

O Que Fizemos de Nossos Brinquedos

Trabalho apresentado na X Jornada Científica da SBPdePA, no tema "Mudança Psíquica: Construções No Percurso Analítico", Subtema "As Condições de Mudança Psíquica".

José de Matos

Membro Efetivo e Didata da Sociedade
Psicanalítica do Rio de Janeiro.

1 Introdução

O conceito de mudança psíquica, desenvolvido pelo casal Baranger, analistas argentinos, evoluiu de uma visão mais generalizada sobre a mudança que se opera no psiquismo do paciente que se submete à psicanálise para a mudança que ocorre no curso de um processo que se passa dentro do campo analítico, entre duas pessoas: o analista e o paciente. Neste processo, "tanto o analista como o paciente vão contribuir com seu mundo interno, suas fantasias, suas expectativas, e, no curso do tempo, tanto microscopicamente como macroscopicamente podem-se observar mudanças em diferentes níveis e em diferentes graus de profundidade"¹. Da parte do analista, persiste a "necessidade de desprender-se da preocupação de que a mudança psíquica revele ou não progresso". A capacidade de escuta plena do analista ajuda o paciente a ser cada vez mais capaz de observar, tolerar e compreender seus próprios modos habituais de lidar com a ansiedade e com os relacionamentos, fazendo com que isso seja parte do processo de mudança destes modos habituais e de transformação no que chamaríamos de psiquicamente "mais saudáveis". Da parte do paciente, procura este a análise:

[...] para mudar, porque está insatisfeito com o jeito como vão as coisas. Ou querem que as coisas mudem. Mas há um pavor em mudar. Intuem que a mudança envolve uma movimentação interna de forças, uma perturbação do equilíbrio mental e emocional estabelecido, do equilíbrio de sentimentos, de impulsos, de defesas e de figuras internas inconscientemente estabelecidas e

¹ Trabalho apresentado pelo Dr. Claudio Eizirik na XXIV Jornada Sul-riograndense de Psiquiatria Dinâmica, em 2008.



que se reflete em seus comportamentos no mundo externo. Esse equilíbrio é mantido por elementos fina e firmemente articulados, e uma perturbação em parte deste equilíbrio deve reverberar por toda a personalidade. O paciente intui que a mudança envolve uma movimentação interna de forças, uma perturbação do equilíbrio mental e emocional estabelecido, do equilíbrio de sentimentos, de impulsos, de defesas e de figuras internas inconscientemente estabelecidas e que se reflete em seus comportamentos no mundo externo. Esse equilíbrio é mantido por elementos fina e firmemente articulados, e uma perturbação em parte deste equilíbrio deve reverberar por toda a personalidade. O paciente inconscientemente capta isso e tende, portanto, a sentir todo o processo de análise como potencialmente ameaçador².

Dessa forma, “todo processo de mudança implica numa perda de identidade” e, na mudança psíquica, “os momentos de mudança são descritos como caos e dispersão para, a seguir, efetuar um salto qualitativo para um novo ordenamento do sistema”. Uma definição mais abrangente para o fenômeno da mudança psíquica, incluiria como “uma mudança no uso ou de como um fato psíquico adquire distintos usos na mente do paciente, junto com a possibilidade de visão desde diferentes vértices destes mesmos fatos psíquicos”³. Nesse ponto, acolhendo-se a visão atual da mudança psíquica ocorrendo num processo psicanalítico a dois, tem-se de incluir a mente do analista que recebe a missão transferencial de dramatizar e incorporar no *setting* analítico todas as fantasias, desejos, frustrações e vivências inconscientes de seu paciente. Emerge, então, a questão: quais são as condições exigidas para que este fenômeno aconteça num processo que promova o desenvolvimento, quesito primordial para que se faça a psicanálise?

2 A Importância do Brincar

Recentemente, tivemos oportunidade de assistir, durante um voo noturno de longa duração, ao filme *Toy Story 3*. A estranheza de um desenho animado ser exibido em horário adulto foi compreendida quando o enredo do filme revelou-se de interesse não somente para crianças mas, principalmente, para adultos. Numa festa familiar alguns meses depois, a partir de comentários sobre o filme por meu neto de 8 anos de idade, foi com grande surpresa que descobrimos que todos os adultos presentes tinham se emocionado com o filme, chegando muitos deles às lágrimas. Quando decidimos examinar o filme com mais apuro, pensando mesmo num trabalho psicanalítico, diversas pessoas de diferentes níveis so-

² JOSEPH, Betty. Mudança Psíquica e processo psicanalítico. In: FELDMAN, Michael ; SPILLIUS, Elisabeth Bott (Orgs.). **Equilíbrio Psíquico e Mudança Psíquica**: artigos selecionados de Betty Joseph. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Original publicado em 1986.

³ CABANNE, Juan Antonio. Para uma Definição de Mudança Psíquica. **Revista de Psicanálise**, SPPA, v. I, n. 1, 1997.

ciais e interesses profissionais manifestaram-se, passando a descrever seus brinquedos mais queridos e o que fizeram deles quando cresceram. Essa reação coletiva tão comum influenciou em nossa busca de compreensão ante este fenômeno e seus desdobramentos.

Muito resumidamente, destacamos os detalhes do filme que sirvam a nosso propósito de entendimento. *Toy Story 3* narra as peripécias e vicissitudes que brinquedos de um adolescente em vias de mudar-se para a faculdade, passam ante as perspectivas de abandono distribuídas entre ficarem depositados no sótão, serem descartados como lixo ou serem reutilizados numa creche infantil. A decepção básica de quase todos é o fato de suporem que seu dono, o jovem Andy, não mais os ame e os considere “tralha”. No final da história, refeita a confiança no amor de Andy, conseguem retornar a ele e são doados à menina Bonnie, capaz de dedicar-lhes o mesmo amor que Andy lhes dedicara. Andy, na despedida final de Bonnie, diz literalmente: “Cuide bem deles. Eles são importantes para mim”. Passamos a pensar na importância que existe em manter, bem cuidados e preservados, num lugar de nosso mundo interno, os vínculos afetivos com objetos básicos usados na estruturação do psiquismo mais precoce, não somente num sentido tópico, mas essencialmente dinâmico. A emergência das formas de pensamento mais primitivas nasce destas estruturas que irão constituir a base dos vértices pelos quais analista e paciente viverão o processo analítico. Funda-se a condição básica para a possibilidade de ocorrer a mudança psíquica no “brincar psicanalítico” que constitui os fundamentos do fenômeno transferencial-contratransferencial. Devemos lembrar que “a psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas”⁴.

3 Algumas Considerações Teóricas Observadas no Filme

Não queremos usar o filme em pauta para demonstrar a validade de hipóteses psicanalíticas como foram vistas em diversas citações representativas resultantes de observações de obras de arte. Estas observações do filme *Toy Story 3*, representam “tentativas incessantes no sentido de unificar a observação particular a uma síntese global, reexaminando a teoria assim obtida à luz de novos dados em observações empíricas”⁵.

⁴ WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. cap III. Trabalho original publicado em 1971.

⁵ Questão inicial levantada no livro: KRIS, Ernest. *Psicanálise da Arte*. São Paulo: Brasiliense, 1968.



Winnicott observa que Melanie Klein, em seus trabalhos, na medida em que estudava a brincadeira em seus pequenos pacientes, “mantinha seu interesse centrado, quase que inteiramente no uso desta”. Mais adiante, justifica seu simples comentário como a “possibilidade de que, na teoria total da personalidade, o psicanalista tenha estado mais ocupado com a utilização do conteúdo da brincadeira do que em olhar a criança que brinca e escrever sobre o brincar como uma coisa em si” distinguindo o substantivo *brincadeira* do verbo substantivado *brincar*⁶.

Portanto, não queremos falar do brinquedo (animado pela fantasia infantil) mas do brincar (resultado da interação da mente infantil com a dramatização no brinquedo num espaço ainda transicional). Nesse ponto, seria importante lembrar toda a detalhada descrição de Winnicott sobre o processo de instalação do espaço transicional desde sua vertente mais primitiva, quando amor e agressividade se mesclam no manuseio do brinquedo, até uma discriminação madura entre atos amorosos e atos agressivos no lidar com os brinquedos em movimentos amorosos-agressivos-reparadores-amorosos, mas nosso espaço de exposição é restrito.

Em *Toy Story 3* são representadas as crianças menores numa creche ironicamente chamada de *Sunny Side*, que manipulam primitivamente seus brinquedos explorando-lhes a textura, o sabor, a consistência, o cheiro e aparentemente maltratando-os ao despedaçá-los. Há, também, em outra sala, as crianças maiores que dramatizam suas vivências infantis com os brinquedos. Há os brinquedos pervertidos pelo abandono e desprezo de seus ex-donos, que os transformou em marginais e delinquentes. E há os brinquedos de Andy que conservam seu vínculo amoroso com o menino, único elo capaz de superar todas as vicissitudes decorrentes da separação imposta pelo crescimento. No final do filme, Andy consegue encontrar Bonnie, única criança que volta a investir afeto naqueles brinquedos ressignificando-os e salvando-os da superação e da exclusão. Dessa forma, Andy faz sua última brincadeira, ao escolher que destinos quer dar a seus objetos infantis.

Mas, o que fizemos de nossos brinquedos? Onde os depositamos e com que sentimentos, já que uma simples animação pode suscitar reminiscências, culpas ou mesmo saudades?

Ainda Winnicott pode nos ajudar a entender esses fenômenos ligados às crianças que fomos e tão importantes no contato de nossos pacientes conosco e do

⁶ WINNICOTT, *op. cit.*, p. 61.



441

José de Matos

nosso contato com eles. Segundo este autor, algumas qualidades são especiais na relação com o objeto.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

José de Matos
Rua Visconde de Pirajá, 156/710
22410-000 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
e-mail: jdmatos@gmail.com

